

de ESTACÃO
FORÇA poesia

INSTITUTO
ESTADUAL
DO LIVRO



MOVIMENTO



PAULO
ROBERTO
DO CARMO

ESTAÇÃO DE FORÇA

Coleção Poesiasul
volume 61

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
JAIR SOARES
Governador

PLÁCIDO STEFFEN
Secretário de Educação e Cultura

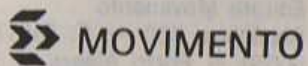
LUIZ ANTÔNIO DE ASSIS BRASIL
Subsecretário de Cultura

IVO BENDER
Diretor do Instituto Estadual do Livro

Paulo Roberto do Carmo

ESTAÇÃO DE FORÇA

Poesia



capa

Mário Röhnelt

Revisão

Therezinha Cyrre

Peter Pellers

Carmo, Paulo Roberto do

Estação de Força; poesia. Porto Alegre, Ed. Movimento/IEL, 1987.

80p. (Coleção Poesiasul, v.61)

CDU 869.0(816.5)-1

Catálogo elaborado pela Biblioteca Pública do Estado em 20.01.87

1987

Em convênio com o INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO
Rua Venâncio Aires 278, F. 21-2202
90.000 — PORTO ALEGRE — RS — BRASIL

1987

Direitos desta edição reservados à
Editora Movimento
República, 130 — F: 245178
90050 — Porto Alegre — RS — Brasil

SUMÁRIO

1

ESTAÇÃO DE FORÇA

Estação de força/ 9
São Francisco/ 3
Salmo I/ 15
Ítaca/ 17
Bens de raiz/ 18
Iniciação/ 19
Gnomo/ 23
Por onde andei eu não devia/ 24
A flor e a foice/ 25
Terrathánatos/ 27
Oficina do ser/ 29
Ócios falantes/ 31

A FALA DO GUERREIRO

A fala do guerreiro/ 34

MANUAL DE SUBLEVAÇÃO

Manual de sublevação/ 45

À
Maria Rosa

Busca a tu complementario,
que marcha siempre contigo,
y suele ser tu contrario.

Com el tu de mi canción
no te aludo, companero;
esse tu soy yo.

Antonio Machado

ESTAÇÃO DE FORÇA

Eu não vim trazer a paz
mas a espada
a espada de ponta acerada
a espada de quilhas ácidas
plantada
nos gorgomilos do teu destino
como a carne
que sangra pelo bordão
urna e catacumba
engenho e suor
à força de gumes
e ópios.

2

Roçando a madrugada
eu via
do oco da criatura
expia
um Anjo de sexo alteado
e asas expectantes e patas conscritas
num ritual de lingotes
como quem extrai
de jazidas cotidianas
o ser da palavra.

3

Se invento o que canto
eu me salvo de quem não sou
ou poderia ter sido
(claro pudor)
pela vida geral inaugurada
e assanho a mão armada
estação de força
em harmonia de contrários
como a sarça de Moisés
que ardia e não se consumia
luminosa sombra que acaricio
até o fundo sob os vestidos
nas almas desta caverna onde
um clavicórdio em acalanto
erica a penugem dos musgos.

4

Mas é perigoso o ser quando
às vezes rodopiamos em torno
ao eixo da vida
com um ombro fantasma
e um grande olho esbraseado
a pastorear sonhos de ofício.

Inda mais perigoso o não ser
quando vai sem fim
a labareda fugindo
de cotidianas falências
negociadas a preço vil no mercado dos tempos.

5

Ama de cântaro ressoa
teu coração de acrílico
exposto nas vitrinas do destino
e geme nas alamedas
em qualquer parte
um tropel surdo
de alimárias de cristal
a cavalgar além
das aparências
o transparente
de outras aparências

6

Estação de força
nós os predicantes
nos prostramos sob as botas
sob as máquinas desejanter
de parir a dor do homem
a dor do sangue
a dor da culpa
a dor dos deuses perdidos
na memória das chuvas.

7

Queria gritar
como um gigante tresnoitado
de alma dada à vida
e mosquetes em punho
mas sou só um ser
com muitos ouvidos
para ouvir
e uma só boca
para engolir o grito
o grito engasgado
o grito lapidado
de engrenagens dentadas
o grito de entranhas
desacolchoadas
se esparramando pelo esgoto
pelos coturnos
do esbirro da lei.

8

E eu quedo retouçando
escoucinhando
relvas e desditas
de mulher e terra
de quebranto e treva
de verdades mentidas
como quem tarda e cala
no portal do desejo
entre o jejum e a vigília
o chamamento e a falácia
o fazer e o pascer
e o morrer até quando
meu deus-anjo-do-sol
das almas ressecas
até quando?

SÃO FRANCISCO

1

Vai, irmão, enfermo de dor
com tuas sandálias de lua
pelo calvário da rua
rumo a morada do Senhor

Vai, irmão, enfermo de justiça
com tua insônia em guarda
pelotão de narcisos na liça
em desagravo ao povo na praça

2

Vai, irmão, enfermo de amor
com tuas sandálias de ócio
toma um pifão de sol
expia tuas culpas
e canta como quem traz
o coração afogueado na cara
de ancoras içadas
e anda de través
como quem emprenha o tempo
amealhando a voz e a causa
coagulados na garganta
desta infrutuosa lida.

3

Te conjuro, irmão-pientíssimo
enfermo de ócio
a plantar um motim
de fogo, água e azeite
de mel, vinho e leite
de sal, trigo e estopim.

Como água estagnada
o tempo envenena a esperança
de quem tarda e cala.

Como coração laçado
o destino dobra a alma
de quem espera de mão alheia.

4

Vai irmão, enfermo de lava
toma um pifão de vida
e canta como quem traz
o coração pêndulo na cara
a prece não semeia nem colhe
da prece nasce a febre
o aguilhão em brasa
e dança sete voltas
e tece sete vidas
irmão em mim.

SALMO I

Senhor, faz de mim
o anjo humilhado e covo
que perdeu as asas
no rodopio do vento
e espatifou a cara
e a esperança.

Senhor, faz de mim
um pastor de névoas
e paixões no cio
o peito lacerado nos urzedos.

Senhor,
quando alguém se aproxima
em mim me enleio
quase ermo, quase erva
quase lesma.

Cultivo a vida
medida em palmos
e tragos de sonho.

Sob as lamparinas
os musgos cintilam
as ninfas valsam
os lírios se perfilam
e eu, Senhor, roendo as unhas
espio o desejo
que pousa em bandos
na carniça da vida
que o tempo mastigou
e um deus mais iracundo
vomitou.

Senhor, faz de mim um besouro
bulindo as mamas da noite
e de visgos se embriagando
sob o orgasmo estelar.

Faz de mim um argueiro
no bugalho do olho do boi
quase ermo, quase erva
quase lesma.

Senhor, faz de mim
um cisco ao sol.

ÍTACA

a Donaldo Schüller

Velando Ícaro morto
nos mesmos círios
que derreteram suas asas
um deus nos condena
a vaguear no exílio
como dois pomos de discórdia
entre o desejo e a posse
e nos priva em qualquer porto
ancorar
naus de orgulho e privação
o destino sempre enviesa a proa
e aponta o leme rumo à terra
que logo submerge
fugidia à nossa chegada.

É Tirésias bêbado que assopra
no oco da medula
o retorno a Ítaca
a origem da solidão
a esperança apenas antevista
jamais possuída.

BENS DE RAIZ

No meio do poema
uma breve estação
de achados e perdidos
e memórias espúrias.

Nos guichês de passagem
nos bancos de espera
entre o parvo e o bufo
há uma causa aliciada
uma voz fermentada.

Operários do ser
tateando côvados de medo
vamos
de punhos em riste
e baionetas nuas
alforriar os bens de raiz.

INICIAÇÃO

1

Ah crava, instigação
no ombro duma paixão qualquer,
um desafio
a seta da liberdade
e fere o que resta
de nossas vidas subjugadas.

2

Itinerário
de sombras expatriadas
pernoitamos no leito da esperança
nossos duendes de musgo
de pálpebras espetadas na manhã.

Animais boquiabertos
andarilhos do medo
de mandíbulas ressequidas
nos salivamos à vista
de qualquer aldeia
entressenhada .

3

Já quase ouvimos
pregustando um silêncio blasfemo
o tropel dalgum eu
de crinas e cascos
alígero pelo mundo
inflamando a fome desejada
a que mergulha
nos infernos cotidianos
e logo emerge
súbita iluminação
sobraçando o verbo
que nos incita
a abandonar o lar
a alcova, o curral das ruas
a dizer o inaudito
a não sacrificar aos deuses
(a crença que um dia seremos)
a habituar ao raro etc.

4

Nunca nos iludimos
o iniciado se consola
e desdenhado
sempre se tortura
alguma ambição à-toa
de presidir os mortos
é como Lázaro retorna
do reino brumoso
meio torso fincado na relva
meio osso brotando da terra
e sabendo-se burlado
morre a segunda morte
ainda revisitado
pela solidão de outrora.

5

Quando apenas começamos
já anoitece em nós
uma fadiga de plenitude
um odor de infância
aflora de bilhas bolorentas
guardadas no solar
de telhas de ardósia
e janelas galácticas.

6

Espectro escuríssimo
o iniciado age
viveiro de seres elementares
funda âncora sob a refrega.

Herdeiros
da divindade extinta
amadurecemos
como pedra de febre.

7

É a paixão imprevista
de barbas longas
a cavar em vão
a casa do homem
fruto lacerado
pelas vespas da memória
desde o tempo
em que o silêncio nutria
um desafio aos deuses
e inaugurava a dor fruída
de muitos braços e remos
para a dominação da terra.

Do pólen do ser
brotam destinos de areia
anunciação do tempo
em que o iniciado é passado
de olhos postos no futuro
ungido pelo presenciado.

Sob o fardo do destino
imolados por um deus injusto
percorremos a esmo
uma terra alheia
em andadura de amor
com a morte sazoadando
em nossas entranhas.

Resistimos
pelas brenhas do irrealizado
numa oferenda de socos
indício da vida que há de chegar
ferindo o destino
sem lei mas sombras
Agnus Dei.

GNOMO

Amanhecido em penúria
eu fabriquei um gnomo
de insônias redimidas
e animei-o
guerreiro de aljavas
sementeiras
e arcos retesados
mirou ao acaso
e num sibilo feriu
asilhargas do inimigo
o meu gnomo
foi um desejo tardio
no leito da esperança
de violar a linguagem
em vogais de tule
e consoantes ventanias.

POR ONDE ANDEI EU NAO DEVIA

7 iras 7 anos 7 rios
por onde andei eu não devia
eu, meio imolado a meio lume,
olho morno em terra alheia
com meus guizos surdos
com meus rifles mudos
a lavar um reino algures
numa oferenda de quem expia
meio despida em lençóis de feno
a coisa viva vexadamente
por onde andei eu não devia
estrumando minhas feridas
em andadura alhures.

Era morto, de pudor desamanhecia
pra nascer, como dói, eu disfarçava
pé ante pé, era dia de levante
faca na garganta
e chumbo em balde
só eu desconversava
roendo minhas muletas
um corvo de bucho rubro
de juro debicava meu povo
eu desviava o rosto
7 iras 7 anos 7 rios
por onde eu andei eu não devia
com meus guizos surdos
com meus rifles mudos.

A FLOR E A FOICE

Ao anoitecer nos emparedamos
na mesma indiferença, na mesma febre,
nos entredevoramos nos bares,
nos vampirizamos na cama
ou nos sublimamos nos vídeos teleagônicos.

Exauridos os cinco sentidos
paramentamos o esquife da vida
e a profanamos
ou nos embriagamos sacralizados
a invocar o deus da droga,
o deus da cavilação,
o deus dos insensatos,
a execrar o deus do câncer,
o deus dos assomos,
o deus da sublevação
e queimamos círios
no sexo defunto do desejo
e nos masturbamos pela posse
entre odores e amuletos
ordenhando os seios da esperança.

II

Súbito a alegria explode
na manhã úmida de cobiças
sob um sol de augúrios e escadas
e muros se interpondo
à posse renunciada
mas sempre adiada
pela vida recomeçando
solidão adentro
fagulha ateadada
da paixão desvívada
e revívada
entre a flor e a foíce.

TERRATHÁNATOS

1

Numa incerta noite mineral
eu baixei à terra
enquanto ia
animado de garras e agouros
eu via
meu destino expiar a culpa
numa dança de paixões
ainda implumes
por tanta vida prevaricada
por tanto desejo relinchado
no veludo dos ventos
e de minhas libidos em flor
eu via
o orgulho caído na tarde
sob os tambores
as vidas caladas
que morriam em mim.

Eu via a terra que gemia
pesada de sono
ave de volúpia e agonia
no meneio das virilhas
eu via o anjo-parteiro
do poema que nascia
bêbedo no estrume
entre dentes e espigas
já mordendo o dia
pelo grito que acorda
da morte para a vida.

Eu via a paixão ruminar
o medo já moribundo
nos vergões da carne
eu via a esperança
entrar no sangue
animal de cinerros
no curral das palavras
anunciando a manhã
clara de papoulas
eu via o poeta
arando a solidão.

3

Anjos de asas cortadas
e batalhas não consentidas
pela confraria reinante
o poeta se excita a cada manhã
da intimidade com a vida
e as palavras se perfilam
indignadas
à vista de outras vidas
prisioneiras
na forjadura do amor
em sublevada alquimia
o poeta reinventa a esperança
entre o caos e a foice.

OFICINA DO SER

Enfim

serei amanhã rigorosa arquitetura
de raízes plantadas
em coisas factíveis
o operário do ser
nas oficinas do efêmero
sublevadamente
a malhar o ferro em brasa
do provindouro
a distribuir ao povo nas ruas
os frutos conquistados

(escravos remidos)

o uivo do tempo se precipita
meio arma, meio ferramenta
absoluta reconstrução
para a obra que nos aguarda
pão e lenha acumulados.

É preciso hoje fabricar a paciência
de unhas afiadas sob os travesseiros
e rinchos mal contidos
mas em nossas línguas hiantes
há sempre um interrogar os deuses
como se vivos fossem
esses pobres embuçados
e mesmo adejassem
anjos insones
num súbito roçar de asas
surpreendendo o abandono
de quem pergunta e ousa
e já não mais espera.

Ah se algum deus de escárnio
escancarasse as portas!

ÓCIOS FALANTES

A tanger carneiros inventados
Vamos, pastores do engano
singrar águas de sonho
num embalo de ócios falantes
vamos, corno quem plange
enquanto urde um deus
e dança com vestes
talaes um cotidiano
como quem parte e ouve
herdados gritos na memória
telas dalguma fala
que incita ou ladra
como se a cada hora
das entranhas brotasse
uma roda de rumos
e ritos na lonjura
anjo ou argonauta
tumba ou manjedoura?
passado que agora late
em máquina expiado
ou coisa que fecunda
a terra provindoura?
embora tarde eu lanço
morto canto foragido
um som coleante de fagote.

A FALA DO GUERREIRO

a Stockinger

a Stockinger

Um clangor de bronzes
do orgulho à sedição
que nos há de convocar
e o destino no sangue
que nos há de imolar
acaso se dobram
acovardados na desesperança
sob os cascos do poder
velando o nosso desabandono?
Que sopro abdicou em nós
ventania abortando
podres pássaros
apedrejadas donzelas
de madrugados levantes?
Urge reinventar
memórias cavas
defuntos ressurrectos
répteis mágicos
nos pedregais
púbis de mel
ancas nuas
de raparigas lúbricas
ao cair da tarde
nas braguihas da infância
e suas alimárias de espuma.

Outro sangue
outra solidão
tempo e carvão
queimando a vida
a mulher tecendo
mantilhas de dor
para vestir o anjo
de imprecações
gritadas em vão.
Agarro a esperança
que unge a vida
de perfume e estrume
planto o desejo
atiço o poema
que colhe o sonho
a caça o destino
de quem espera
a besta nas trevas
sem gula de ser.
Viveiro de pulsões
a ranger entre dentes
viola de febre
calejando a corda
da hora morrida
o poeta aparta
no fio da faca
carne e alma
paixão no desejo
volúpia na razão.

Morada ungida
pela espada do ser
em mim fecunda
a seiva e o desejo
sangue que ferve e canta
por tantas vozes caladas
que eu falo
o sentimento de todos
e todos sentem por mim
escudo da mesma forja
espinho da mesma rosa.
Então explode
o tempo presente
eviscerado
do tempo passado
e o revelado
e o tempo futuro
quando todavia é outrora
o sonhado
o reamanhecido mergulhamos
em águas vindouras.
A liberdade convoca
ao banquete da vida
mas sob a mesa de iguarias
um cão fareja
uns restos de culpa
uma serpente chocalha
no ritmo do coração
batendo a hora venerável
de ironia e agonia
emboscada na esperança.

4

O carrilhão da infância
anuncia
o guerreiro-pródigo.

Eu recém-parido
a espada esbraseada
no umbigo do sol
ousou rebatizar-me
nos aquedutos
e que meu inventário seja
o amanhecer da revolução
expiando a vida
tão cheia de olhos e rodas
antes que a noite caia
em gomos de sonho.

5

Sou Ulisses e outro
simulado de cicatrizes
singrando
futuros pressentidos
e conjuras
engolindo o grito
e o soco.

Libidos soltas no pasto
colho pomos proibidos
indício que sou o começo
de utopias alforriadas.

6

Açoiado pelo desejo
entre máquinas e girassóis
de engrenagens orgásticas
forjo o poema
irrompido do coração
a levantar a voz
no inferno
povoado das fábricas
a reescrever o Estatuto do Trabalho
a vida é um sonho tecnetrônico
o operário um réptil cibernético
o destino um cativo
com muitos senhores
a verdade uma escada
suja de sangue
cujo último degrau
disfarça o cadafalso.

7

No meio do caminho
o poeta revela
a mentira embuçada
o amor zomba do poder
o destino lanceia a verdade
o tempo já não arde
nos salários corroídos
e tangido pela vergonha
exorciza a vida
da suas mais-valias e atavios
nas cancelas do orgulho.

Preciso sempre sublevar
reamanhecida indignação
no desejo que forja
a rosa mineral
o carvão animal
a ave vegetal
aliviado de minhas âncoras
e trilhos e pontes levadiças
corrompo anjos e demos
sem rumo nem esperança
a ruminar a memória
no colóquio das culpas
e vai o poema se despindo
de suas vogais espúrias
leopardo e salamandra
navalha na labareda
trago na garganta.

Danças de propiciação
alhos e óleos e âmbar
sal e aço e algum ócio
estou pronto e nominado
de pé ante os deuses
olho no olho o sol-posto
desafiando a vida
montado na mula de balaão
numa terra de poemas e sangue
alquimia de enxofre nos porões
entre canhões e malícia
a sublevar o destino
a tumultuar o coração
de vespas e quebrantos
e sob badaladas de sinos erécteis
as carnes se digladiam
as almas se abraçam enviesadas
a se encarnam uma dentro da outra
em mordeduras a perjúrios.

MANUAL DE SUBLEVAÇÃO

provérbio grafitos cantares

Unless a serpent devours a serpent
It will not become a dragon.

Latin Proverbs

Ser e Destino
celebram o incesto
no leito das possibilidades.
Dolência de sangue e mel.
Treme o desejo ferido,
cetro decepado
entre coroas humilhadas.
Ser e Destino
dormem
na aurora da esperança
e despertam
no ocaso da plenitude.
O pássaro rubro do efêmero
agasalha nas asas a nudez
das filhas recém-paridas:
Privação e Penúria
abrem os olhos maliciosos
e sorriem sob os lençóis
sonâmbulas de amor.

2

As bocas amordaçadas
não estão caladas.
A consciência
não esta domada.
Os ventres famintos
ainda estão fecundos.
A esperança ferida
sangra no teu coração.
A revolução que há de vir
cristalizada no ar
já não tem ouvidos
apenas garras
e armas azeitadas
de baionetas ensarilhadas
no peito aberto em dor.

3

Urge dizer, à tanta perda:
o que morre em ti
é a vida redescoberta
ei-la que andeja
a vida, a cada dia
pelos flancos do teu demônio
mantendo em ti
a confiança inteira
de quem
fustigado pela fome
reinventa, mais terrível
a vida.

4

A dor de sofrer
é a dor de amadurecer.

O gozo é a dor saboreada
depois de amadurecida,
fruto colhido
da árvore do entendimento.
Na travessia reflorescemos.

5

Quanto mais te unes
aos outros homens,
tanto mais os deuses tremem.

6

Ao poente celebramos
ritos de iniciação
e levantamos âncora
rumo à lâmina da madrugada.
Os anjos da privação
excitados excrementam
na liça das possibilidades.

Se pretendes que a tarde cinzenta
se envolva de labaredas ao poente
e anjos de arribação
cavem túneis de esperança
sob um jardim de narcisos consumptivos
sai para fora de ti
conspira no curral dos outros
quebra os garrotes do silêncio
e andeja tua dor
romeiro da solidão
sem passaporte na ventania
procura um amigo qualquer
espetado pela verdade dos que sofrem
atropelados pelas éguas do poder
nas cancelas das máquinas
nas caladas do desejo
e que teu amigo caminhe contigo
ombro a ombro, celebrando a vida
de pressagos poemas na fala
e recedentes motins no peito
pois o coração de quem ama
só vibra mais dentro de ti
quando canta mais perto de mim
ombro a ombro, acumpliciados à vida
sem âncora nas léguas do sonho
sem passaporte nas linhas de sombra.

Da amar,
contigo me desavim.

Por viver,
comigo me desavenho

Em penar,
de penas me desalento.

Ao cantar,
de mim me desgarrei.

Por conspirar,
do mundo me desagravo.

Ao crer,
de crenças me desalmei.

Em sonhar,
de mim me desabito.

Por esperar,
de esperança me desgracei.

Ao fugir, de mim me deserdei.

De amar,
contigo me desavim.

Por viver,
comigo me desavenho.

9

Há vida
no velório do amigo morto:
seu derradeiro hausto
enfunou as velas
de tua nau sobrevivente.

10

A verdade
umedece de lágrima
o rubor da maçã
e fere de lâmina
a seda da alma,
vertendo sangue
sobre a relva.

11

Se amanheceres em mim
eu entardecerei em ti—e se chover
saudaremos com vinho e malícia
a ilha que à noite povoaremos.

12

Tudo que é vivo
se ramifica de desejo
e se intumesce de esperança.
Assim é que nasce o poema.

13

Que os meus poemas
sejam enterrados comigo,
salvo-conduto
para a eternidade.

14

Mais vale a insânia
noturna dos amantes
do que a dúvida
metódica dos filósofos.

15

A obstinação do um homem
é o seu destino.

16

Somos iludidos
pela aparência do tempo
quando adiamos o gesto
e confundimos o presente
com esperança.

17

Nascemos
com risco de vida

Vivemos
com risco de morte.

Morremos
com risco de salvação.

18

Assim como o pássaro
precisa de um ovo
para gerar outro pássaro,
o homem precisa do poema
para acordar outro homem.

19

A morte é longa, a vida é breve
e a arte um poema por terminar
à beira dum poço de esperança.

20

Poetas,
a poesia será
nossa moeda,
o pão,
a garrafa de vinho
uma ode à vida.

21

O destino que me entenda:
ontem sonhei
amanhã terei esperança
hoje eu quero viver
já não ando à deriva.

22

O homem é a medida
de todas as coisas,
mas quem lucra é o capitalista.

23

O que penso, possuo
o que sinto, me possui.

24

Considerai como se locupletam
os capitalistas
eles não trabalham, nem fiam.

25

O poema
nasce da indignação
ordenha o leite da hiena
saliva a cólera do cão
e é esbofeteado
pela esperança dos homens.

26

O tempo
é um mormaço
que embala o sono
ou um rio
que anima o sonho?

27

Sangrar a alma
na forjadura.

Extrair a fórceps
o coração do caracol

Inseminar o útero
da pulga sem tremura.

Ceifar rente a penugem
dos musgos com foice-de-sol:

desmedida arquitetura
de poema em gestação.

28

O poema
é um crime sem culpa
digno dos deuses.

29

Viver
é navegar no ventre das paixões
com um olho no cometa
outro na tormenta
e os punhos cravados na esperança.

30

Se nada tens a dizer,
conversa com a morte.

31

Quem não viveu antes do tempo
e deflorou a alma
de tanta paixão consumida,
morrerá tarde demais.

32

Quem ama
compreende e perdoa.
Quem não ama
julga e condena;
e se acaso absolve,
duvida ou se arrepende.

33

Poder, sem compartilhar,
é ser sem conter.

34

A vida
só é perigosa
quando nos ajoelhamos.

35

Na terra que arava
eu sepultava o sonho.
No poema que esculpia
eu expulsava a culpa.
No vinho que bebia
eu embriagava o destino.
Na vida que escorria
eu desdenhava o tempo.

Sem princípio nem fim
eu caía no oco do mundo.

Hoje não planto, não colho
não semeio expiação:
desespero em vão.

36

Fora do poema
não há vida;
se há vida,
é a lida de sonhá-lo
como se rima
a vida fosse:
beleza e tremor
em corpos incendiados.

37

Sentir primeiro, pensar depois.
Perdoar primeiro, julgar depois.

Amar primeiro, educar depois.
Esquecer primeiro, aprender depois.

Libertar primeiro, ensinar depois.
Alimentar primeiro, cantar depois.

Possuir primeiro, contemplar depois.
Agir primeiro, rezar depois.

Navegar primeiro, aportar depois.
Viver primeiro, morrer depois.

38

Partir
na hora medida e fria,
de missão cumprida
e alma incendiada
na chaminé do tempo—
depois renascer,
na margem clandestina da vida,
como a palmeira,
das próprias cinzas.

39

Eu não semeio
nem colho:
eu me consumo.

40

O destino
confia em mim
e me instiga
a tecer uma esperança
mas é o fazer
que me conduz.

41

Não assassines o tempo
fome nutrida de ti
mal geme a manhã
na quebrada da esperança.

Não maltrates o tempo
botão dormido na sarjeta
alma despovoada de ti
na bandeja do destino.

42

Não devo julgar,
mas posso agir.

43

Para quem ama,
o lucro é o estrume
de qualquer relação humana.

44

Do ofício de criar
em abandono
a cada manhã
a vida inteira
não tardo
nem me farto
apenas ardo.

Só sabem à alma
o pão e o poema
que calam as mãos
ofício e vício
de quem se rebela
apartado de mim
compartido em ti
a quem o sonho expulsou
o exilado do si
o destino despertou.

45

Se não persuades teu amigo
a varrer as teias da morte
corvejando sobre seu coração,
trata de sobressaltá-lo
martelando os sinos da sublevação
de sua desesperança.

46

Ainda que dissimules
fingindo que estás dormindo
não imagines que a vida te exilou
mas sim tu que a exilaste
pois o que é nunca deixa de ser
e sempre renasce entre sal e cinza
a mesma esperança insepulta
ainda que humilhada.

47

Lembra-te sempre
de conservar a medida
nos tempos de crise
e de acender o estopim
da desmedida
nos tempos de paz.

48

Quando eu não mais estiver
consumado o sonho
sob um pêndulo silente
que se congela no ar
e exalar sândalo
pela boca de um vaso de sombra
quando eu não mais existir
traspassado por um sono
apetecido de dor
e arfar à espreita do gesto
que não mais se ergue
quando eu não mais estiver
restará ao menos uma canção indignada
fruto legado do orgulho que me perdeu
para dizer, antes que eu murche dentro da noite,
a morte nunca será maior que o meu desejo
quando eu não mais existir.

49

O poema não procria
não fecunda
nem possui a dolência
da grande verdade.
O poema
só bate em latas
na noite brumosa
do teu entendimento.

50

Nunca é tarde para nos debruçarmos
sobre o poço da verdade
a puxar o balde lançado
como dados
pela corda das horas.

Assim colheremos a vida
reamanhecida de alma à tona
animal de esperança
pregustando a liberdade ainda tonta.

51

Amar não é admirarem-se
um ao outro na alcova
da vida entredevorada.

Ama é tanto amar-se
e com tal sofreguidão
que o amor ao transbordar
pelos flancos do coração
deita rebentos de serpentes
na taça gêmea de tua alma
tão cheia de orgulho e desejo
de amar mais a si mesma
e eu de amar em ti
o amor excedido de mim.

52

No enterro do poeta
seus poemas encantados
em duendes redivivos
pousaram nos ombros
dos amigos que conduziam o caixão
e entoaram doce cantochão
saturando de conjuras
a tarde cinza que se dissolvia
em lágrimas vidalescentes.

53

Quem só recebe bofetadas
não ofereça a outra face:
puxa do revólver.

54

O poema
lágrima embriagada
na taça do desejo
erva que cura
a infância desviviada
num baú de esperança
morte maquilada
a dançar a valsa fantástica
do sangue drogado.

55

Quem a vida cutuca
com vara curta,
vive de alma na liça
e canta à toa.

Quem a vida cutuca
com vara longa,
vive de esperança
e morre de fastio.

56

Nada se lucra
que já não tenha sido
roubado antes.

57

Se o homem despertado
de sua solidão
fermentasse o caldo da esperança
aflorando do coração
e corresse como rastilho de pólvora,
embebido de amor,
prestes a explodir...
Se toda a dor do mundo
se desse as mãos sublevadamente...

58

De boas novas vivemos todos os dias
quando freqüentamos as coortes da solidão.

59

Carrego comigo tudo o que tenho:
200 poemas e uma poupança para o enterro.

60

As pessoas choram
pelo que poderiam ter sido
e não são,
sem outra consolação
que o próprio pranto.

61

Quem bem te quer
te faz sentir, te faz penar,
te faz sobressaltar
com um tremor de pernas
e te faz gemer de olho aberto.

62

O poema é uma experiência em chamas.
Só desperta
quando queima o coração.

63

Para o operário
o inferno principia
no gume da madrugada
e acaba ao pé da sua cova.

64

Há poetas sem lei nem beira,
guerrilheiros de primeira linha
lutam a vida inteira,
sentados à escrivaninha.

65

As palavras são amarras
na alma envergonhada do papel
a agrilhoar o mouro louco
espreitando do oco de teu assombro.

66

O Poeta,
por não ser entendido por ninguém,
sente-se como um anjo de esquelha
entre canibais.
Mas se fosse entendido,
não lograria salvação da grelha.

67

Serei como amanheci,
viverei antes de entardecer
e à noite, recostado
em teu ombro, ó Poesia,
escutarei meu coração
até que um deus mais forte
me envolva em febre
e me convença a partir
desta vida para todavia—
como é preciso.

Peço passagem
nas alfândegas da República.
Quase nada a declarar:
religião,
umas crenças em alma do outro mundo.
Política,
que o homem é dono de seu nariz.
Filosofia,
umas manias epicuristas,
outras sofistas.
Peço passagem
nas alfândegas da República.
Quase nada a declarar:
meia paixão clandestina,
reputação cochichada,
alguma esperança cansada,
7 resmas de poemas malsinados,
um rocim manco
e um poeta tresnoitado.
Peço passagem
nas alfândegas da República.
Passaporte eu não tenho
que as fronteiras viajam comigo.

69

Se a poesia não existisse
um louco a inventaria
porque é pelo absurdo
que o poeta se faz humano
o trovão, mito
o mito, canto
e o canto se faz gesto
a mudar a vida
a mover o homem
como um cinzel ferindo
o tempo ou um fogo
de esperança e agonia
arremessado ao futuro.

70

Dize-me o que crias
e te direi que depois do absurdo
encontrarás o paraíso,
mas então será muito tarde.

71

Apontar a verdade
a quem não a descobriu
nos quintais do imaginário,
trocando experiências com a solidão,
é comprometé-lo a provar o contrário

72

Em meio às mentiras
que o capitalismo engendra
para explorar as massas trabalhadoras,
o operário só encontra sua verdade
quando morre.

73

Se o poema,
caindo na alma,
morrer,
o corpo morrerá com ele;
mas, se não morrer,
incendiara tua vida
de tanto festim de desejos
que estremecera o teu destino.

74

Quem não se rebela
espera o destino
doado pelos deuses.

Quem se rebela
constrói a estrada,
enquanto caminha,
rumo às labaredas da vida.

75

Quem canta
a vida encanta
o mal quebranta
da vida reamanhecida
de noturna ferida
nova labareda
em procissão de escaravelhos
pelas artérias da alma
numa dança de espelhos.

76

Não é preciso coragem
para dizer a verdade.
Basta o gesto de queimá-la
nas fornalhas da vida
em amor, carvão e sangue.

77

A arte de viver
é a arte de comover.
O que sobrevive
é a arte de enganar.

78

A morte bebe as horas da vida
com maior saciedade
quando paramos
para lambe nossas feridas.

O poema
arte de despertar o touro que bufa
na ferida exposta do coração.
O poema abre as gavetas da infância
e reacende os círios guardados na memória.
O poema
sêmen a fecundar
o bagaço da vida nas moendas da esperança
erva que cura a lepra das horas.
O poema
quebra o cristal
entre o sonhado e o vivido
e a máscara que poderia ter sido
prece a se fazer carne
fugindo de si pelos pés, pela boca
pelo ombro do coração
de mãos dadas com o desejo
como se do nicho das papoulas
brotassem espigas no ventre da alma.

Meu silencio é um poema imenso
claro tormento sob a viseira
cumpro meu terror.
Monge insone vou
e embalo címbalos
numa noite de homens surdos.

81

O homem
que se nutriu de mandrágoras
e ordenhou as horas do destino
com suas bocas de esperança
não fica criando lodo
como pedra de câncer
mas prova da polpa da vida
e vive do sumo dela e ousa
comendo o tempo entre as tíbias.

82

O coração do homem
é um campo de batalha
onde vida e morte vão enfrentar-se
açotados pela ventania da paixão
mal surge a esperança
no gume da madrugada.

83

Na mesma esperança
evisceramos o sonho
e de suas postas nos alimentamos:
reamanhecidos, ousamos de novo.
No mesmo desejo
retesamos as cordas do amor

e nos perdemos entre crinas e regaços:
lacerados, permanecemos
apalpando a nossa dor.
À mesma ilha
chegamos sem ancorar
e nos abandonamos
cortejando a esperança
enforcada nos mastros
e nos povoamos de anjos gravitados
enterrando a solidão
sob sete côvados de medo
e um palmo de covardia.

Ao anoitecer afundamos a nau
e lavamos o coração.

Na mesma vida, na mesma lida
somos e não somos
pescadores de vento
o que recolhemos na rede
suportamos e não suportamos.

84

O desejo canta
como se fosse escrito
no fruto proibido
de um gozo retesado

A esperança canta
como se fosse escrita
no encontro de mãos
laceradas nos espinheiros.

A morte canta
como se fosse escrita
nas rugas semeadas
de urna vida apetecida.

85

Sentir e criar
é queimar cativeiros.
E uma vez liberto
o anjo mais ousado
que se abismou no teu peito
apossa-te do fogo imemorial
como direito adquirido
por tanta esperança sazoadada
por tanto desejo espezinhado
por tanta dor suportada.

86

O homem que não habita o seu coração
povoado de anjos e pássaros de arribação
é incapaz de viver só e arborescente no cio
e acaba por expiar a sua paixão
na solidão que nasce dos outros
a cada dia na geometria dos sonhos.

87

Para agarrar um pássaro
é preciso lutar contra as palavras
mal nasce o desejo
na lâmina da paixão.

88

A verdade
fruto proibido
deve ser colhido
mesmo que nos expulsem do paraíso.

90

Se ou por ti não me comover
ó poesia
e por ti não cantar e amar e recolher
minhas esperanças
no cálice da vida
e por tão longo amor
não te servir mais sete anos—
que se resseque minha mão direita
pois com a esquerda beberei
o vinho do desejo
até embriagar o destino que me perdeu.

91

A planta liberdade
floresce no coração do homem
quando canta sem ajoelhar-se
e ousa desafiar o desejo que se ergue
e celebra na tempestade
o trabalho expiado.
Depois violamos a esperança
com um gemido de vida.

92

Para adormecer a sombra
na paz dos mochos
que o coração seja alanceado
na terra do sol
e alumbrado de dor
para que o desejo
desperte com o canto do galo
e seja celebrado do gozo
que sobe dos limos da aurora.

93

um homem com fome não é um homem

um homem com fome não é

um homem com fome não

um homem com fome

um homem

um homem com fome

um homem com fome é

um homem com fome é um homem

um homem com fome é um homem que não é HOMEM.

Falo, Senhor, das mãos suadas do operário
que alimentam aves de rapina
criadas nas estrumeiras patronais.
Falo, Senhor, das mãos engraxadas
que semeiam na ventania a nossa dor.
Falo, Senhor, das mãos calosas
que ainda cantam e sangram por suas unhas
fincadas no ombro insubmisso da liberdade.
Falo, Senhor, desse meu povo que geme e cisma
pelas bocas caladas do estômago
pelas máquinas desejanças do lucro.
Falo, Senhor, do operário como charque
espedaçado ao sol
presa dos abutres nos varais das fábricas.
Falo, Senhor, do orgulho sublevado dos mansos
das baionetas ensarilhadas de medo
que apunham a sombra precária dos sonhos
mas não ousam reconciliar o açoite com a mão.
Falo, Senhor, da mão reconciliada com o braço
a manar pássaros dos sótãos para o solstício
do braço com a cabeça que governa o açoite
e enterra o bezerro imolado por nossas culpas
sob um berro de sangue tão morrido no coração.
Talvez, Senhor, uma esperança qualquer
mal-agourada da presságios
e estremunhando na aurora
desperte o anjo de seu pavor
a hora de seu torpor
a vida de seu tutor
e o operário, Senhor, de sonhos amealhados
cante pela vez primeira.

ESTAÇÃO DE FORÇA

Retomando temas da obra anterior, impregna os versos uma força épica que funde, nas metáforas, erotismo e violência. Negando-se a contemplar o mundo, seu canto é coletivo, voz do homem que resiste ao próprio desamparo. Poesia social, é um grito de guerra que se nutre e se ampara na esperança.

LÉA MASINA

Mais um livro de valor da
EDITORA MOVIMENTO